

Sintufejuf / Gestão
"Reafirmar o
compromisso!"

ANO 3 Nº 42
23/11/2011

EXPEDIENTE:

SINTUFEJUF



Assessoria de
Comunicação

Sindicato dos Trabalhadores
Técnico-Administrativos em
Educação das Instituições
Federais de Ensino no Município
de Juiz de Fora-MG

www.sintufejuf.org.br

CONSCIÊNCIA NEGRA

Sintufejuf realiza oitava edição do Encontro 20 de Novembro

O Sintufejuf realizou na última quinta-feira, dia 17, na Casa de Cultura da UFJF, a oitava edição do "Encontro 20 de Novembro", com um ciclo de palestras que destacaram os temas da educação e saúde no contexto da população negra brasileira.

O sindicato recebeu o professor adjunto da Faculdade de Educação da UFJF, Julvan Moreira, a técnica-administrativa em educação da UFMG, Yone Maria Gonzaga, a professora municipal Giovana Castro e o técnico-administrativo do setor de pediatria do HU, José do Carmo Rocha.



Coordenadores e Pró-Reitora na mesa de abertura do Encontro

O evento, promovido em comemoração ao Dia da Consciência Negra, contou com a participação de integrantes da UFJF e de outras instituições de ensino, militantes do movimento negro e de entidades do movimento social organizado. Os participantes receberam livros da Secretaria Nacional de Promoção da

Igualdade Racial – SEPPIR, um dos apoiadores do "Encontro 20 de Novembro" juntamente com a UFJF e Unimed Juiz de Fora.

A equipe da Coordenação de Saúde, Segurança e Bem-Estar da UFJF realizou durante o "Encontro

20 de Novembro" uma campanha de combate à hipertensão arterial e ficou de plantão aferindo a pressão dos participantes. Além disso, um grupo de alunos da UFJF compareceu ao evento e divulgou o início da formação do movimento negro estudantil na instituição, o coletivo Enegrecer.

EXPEDIENTE:



Julvan Moreira: é preciso recuperar as raízes da cultura afro na educação

A palestra de abertura foi ministrada pelo professor adjunto da Faculdade de Educação da UFJF, Julvan Moreira, com o tema "O ideário e imaginário afro na educação brasileira" na manhã da quinta-feira (17).

Inicialmente, ele explicou cada uma das quatro correntes de pensamento sobre a miscigenação no Brasil e a formação da nacionalidade a partir do contexto étnico-racial. Julvan citou também autores de uma das correntes que mudaram a concepção da educação brasileira, ao considerarem que a transmissão de conhecimentos deve se dar em cada cultura e não com formatos aplicáveis a todas as populações.

A cultura afro, segundo o professor, não é ocidental,

mas sofre os impactos provocados pela hegemonia dos países ocidentais no campo da educação. Na história do país, portanto, aconteceram as perseguições a tudo o que não era ocidental, gerando a discriminação racial dentro das ideias pedagógicas. Para o professor, a introdução da história e cultura afrobrasileira e indígena no currículo escolar trouxeram avanços. Ele explica que a expectativa é inserir outras visões, que não as decorrentes do pensamento ocidental, no campo da educação.

O professor defendeu que a mudança de pensamento está na recuperação da negritude, das culturas africanas. Muito que foi perdido pela imposição do modelo ocidental deve ser resgatado para a formação da filosofia e educa-

ção afro-brasileira. Segundo Julvan, isso passa pelo reconhecimento da contribuição histórica que o negro tem na identidade brasileira.

"Nós, negros, precisamos recuperar as raízes da nossa cultura, da nossa negritude, que está não só na nossa cor mas em toda a cultura que ficou perdida nos últimos anos", resume.



Prof. Julvan Moreira

Sintufejuf / Gestão
"Reafirmar o
compromisso!"

ANO 3 Nº 42
23/11/2011

EXPEDIENTE:

SINTUFEJUF



Assessoria de
Comunicação

Sindicato dos Trabalhadores
Técnico-Administrativos em
Educação das Instituições
Federais de Ensino no Município
de Juiz de Fora-MG

www.sintufejuf.org.br

Yone Gonzaga: lutas do movimento negro reeducaram a sociedade

A segunda palestra da manhã foi a da técnica-administrativa da UFMG, Yone Maria Gonzaga, com o tema "Educação e trabalho: demandas constantes dos movimentos sociais negros". Ela considerou que as lutas por uma vida mais digna para os negros não é recente, começa com toda a resistência dos



Yone Gonzaga

africanos no Brasil colônia, apesar de terem ganhado visibilidade somente a partir do século XX.

Segundo ela, o movimento se volta contra o pensamento ocidental, que inviabiliza a participação e o reconhecimento do negro na construção da sociedade brasileira. Com isso, a luta demonstra que o racismo existe, apesar da sociedade negá-lo.

Yone considerou ainda que as lutas pela igualdade racial foram reeducando a sociedade. Isso se deu com vários questionamentos da história oficial, inclusive na desconstrução de discursos. Mas muito ainda há para ser mudado. Ela ainda falou do "racismo institucional": se a sociedade brasileira é de fato racista, logo as instituições se

tornam racistas. As pessoas são "deformadas" nesse conceito, segundo Yone, assim como os valores passados para políticas públicas.

A técnica-administrativa em educação citou que hoje o número de jovens negros é diminuto nas universidades, o que revela a necessidade de uma ação por parte do Estado. Assim como o professor Julvan, ela defendeu o resgate da memória e ancestralidade africana na educação, passando pelos conteúdos que são ensinados.

Yone apontou também que o movimento negro é transnacional, na medida em que se liga a outras lutas na África e América Latina em resgate do protagonismo de Zumbi e das referências positivas aos negros.

Sintufejuf / Gestão
"Reafirmar o
compromisso!"

ANO 3 Nº 42
23/11/2011

EXPEDIENTE:

SINTUFEJUF



Assessoria de
Comunicação

Sindicato dos Trabalhadores
Técnico-Administrativos em
Educação das Instituições
Federais de Ensino no Município
de Juiz de Fora-MG

www.sintufejuf.org.br

Giovana Castro: há resistência nas escolas em debater afrodescendência

Com a palestra "Educação e Afrodescendência", a professora Giovana de Carvalho Castro explanou para os presentes acerca dos desafios, para educadores e sociedade, na discussão dos assuntos como a afrodescendência e a relação entre África e Brasil nas escolas.

Giovana iniciou sua fala apontando os preconceitos existentes no cotidiano, como os tons pejorativos ao continente africano encontrados quando se faz uma pesquisa na Internet, por exemplo. A professora exibiu slides com fotos da natureza encontrada em países africanos, para lembrar que o continente tem muito mais a oferecer.

A professora destacou uma série de problemas na educação brasileira que se dão a partir da resistência dos

professores em discutir afrodescendência na escola, como por exemplo, crianças negras que crescem pensando que suas características são inferiores e ainda a diminuição do número de estudantes negros no Ensino Médio. "Como podemos buscar referenciais diferentes dos que têm?", questiona a professora.

Para Giovana, a construção do racismo se faz pela mídia, senso comum (referenciais das pessoas, a partir dos valores) e até mesmo nas escolas, que se mostram despreparadas para lidar com essa temática e muitas vezes se omitem diante dos acontecimentos.

Como caminhos na luta contra o racismo, foi apresentado, dentre outros pontos, a necessidade da desconstrução de estereótipos, a defesa

de uma educação para a igualdade e a lei 10.639/01, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da disciplina "História e Cultura Afro-Brasileira".

Depois das palestras da tarde, Giovana voltou à mesa para debater com os participantes.



Giovana de Carvalho

EXPEDIENTE:



Assessoria de
Comunicação

Sindicato dos Trabalhadores
Técnico-Administrativos em
Educação das Instituições
Federais de Ensino no Município
de Juiz de Fora-MG

José do Carmo: há uma lacuna na pesquisa sobre a anemia falciforme

O técnico-administrativo do setor de pediatria do HU, José do Carmo Rocha, palestrou sobre "os cuidados com as crianças portadoras de anemia falciforme". Ele ressaltou que foi acompanhar a necessidade de assistência de urgência das crianças com anemia falciforme, devido às crises de dor, que o motivou a pesquisar sobre o assunto. Segundo José do Carmo, há uma lacuna nas pesquisas relacionadas à doença falciforme, que vai em desentorno ao direito à saúde e às políticas públicas. As crianças, segundo ele, precisam de uma assistência digna.

O palestrante apresentou dados sobre a doença, que foi descoberta há cem anos, mas ainda há muito desconhecimento sobre o assunto pela sociedade. Segundo ele,

assim como a educação, a área da saúde para a população negra também precisa ganhar espaço na sociedade e vencer preconceitos. Inclusive, ganhar espaços na atenção primária. Profissionais saem das faculdades sem saber como lidar com a doença. Além disso, as crianças não aprendem na escola a lidar com a doença.

A anemia falciforme é consequência de uma mutação genética, que provoca alteração nas hemácias. Isso provoca a dificuldade de conduzir o oxigênio e ainda a obstrução de veias, devido ao seu formato.

As crianças passam por crises de dor que podem ser desencadeadas por infecções, por desidratação, etc. Por isso, conforme José do Carmo, é de grande importância o papel

dos pais e dos profissionais de saúde no dia a dia da criança, com o objetivo de prevenir doenças e, assim, as crises de dor.

José do Carmo comentou sobre a assistência integrada para a criança e familiares praticada no HU/UFJF, destacando o atendimento às crianças falcêmicas.



José do Carmo Rocha

EXPEDIENTE:



Consciência Negra

Coordenador Emanuel Braz é agraciado com a Medalha Nelson Silva

O coordenador do Sintufejuf, Emanuel Braz, foi agraciado na noite da última sexta-feira (18) com a Medalha Nelson Silva. O evento é realizado anualmente pela Câmara Municipal de Juiz de Fora e faz homenagem a pessoas físicas e jurídicas que se destacaram na manifestação da cultura e causas sociais da raça negra nos âmbitos municipal, estadual e nacional.

Estiveram presentes para a entrega da Medalha diversas autoridades públicas, que foram chamadas para compor a mesa de abertura, como o prefeito de Juiz de Fora, Custódio Mattos, a deputada federal Jô Moraes (PCdoB/MG), a presidente do Conselho Municipal de Valorização da População Negra, Zélia Lima, e o reitor da UFJF, Henrique Duque. A



Emanuel exibe a medalha

cerimônia foi conduzida pelo presidente da Câmara, Carlos Bonifácio. Em nome dos agraciados, discursou o senador Marcelo Crivella.

O título da medalha remete ao músico juiz-forano Nelson Silva, negro e fiel às

suas origens, fundador do Batuque Afro-Brasileiro, uma das formas que utilizou para a divulgação da cultura negra. O evento exibiu um documentário sobre a vida do músico, com depoimentos de membros da família e amigos. Esposa, filha e neto de Nelson Silva estiveram na cerimônia e foram aplaudidos. No encerramento, o Batuque Afro-Brasileiro apresentou três músicas.

Foram 14 agraciados ao todo, escolhidos pelo Conselho do Mérito, formado por representantes do Batuque Afro-Brasileiro, da Secretaria Municipal de Educação, da Funalfa, da UFJF, da Câmara Municipal de Juiz de Fora, do Conselho Municipal de Valorização da População Negra de Juiz de Fora e do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora.